

## CAPÍTULO 1

# De que são feitas as crianças, que a escola não as entende?

*O futuro aceita pessoas imperfeitas. Sejam pais desajeitados ou professores “à beira de um ataque de nervos”. Assim uns e outros cresçam com as imperfeições com que todas as crianças dialogam um dia atrás do outro.*

*Só quem não aceita as imperfeições humanas (começando pelas suas) é que não cresce. Só quem não reconhece a sua necessidade de crescer não aceita o futuro.*



## O melhor do mundo não são as crianças!...

Há pessoas que se resguardam na ideia de que o melhor do mundo são as crianças. E falam delas como se elogiassem a sua ingenuidade (mas, ao mesmo tempo, nunca mais pudessem ter – como elas – uma relação intensa, transparente e descontraída com a vida). Há pessoas para quem o melhor do mundo são as crianças porque, sentindo-se mal-amadas, lhes resta a saudade de, ao menos em crianças, terem sido o melhor do mundo para alguém.

Mas não há uma idade adequada para se ser o melhor do mundo para alguém. Como não há uma idade acertada para perguntar porquê, depois do qual a curiosidade nos transforme, a todos, em “produtos fora do prazo”.

É bom ser (por dentro) criança para sempre. Ter a “vista na ponta dos dedos”, ver os “intestinos” das coisas, e perguntar “porquê”. É bom aprender com prazer e a brincar. Aprender as ciências ou aprender com as qualidades humanas (mesmo as mais misteriosas). E brincar com os conhecimentos (mesmo com aqueles que, aparentemente, parecem mais aborrecidos). É bom crescer com os pés na terra... e com a cabeça na lua, com projectos e com sonhos. É bom crescer sendo criança, mais ou menos, para sempre. Talvez porque o pensamento das crianças não se faça de inocências ou com deslumbramentos fugazes. Ele torna-se mágico sempre que, à seriedade com que se dão, os pais correspondem com gestos empáticos. E, aos medos que as ocupam, eles se opõem protegendo-as tão bem que elas até só podem tornar-se despreocupadas.

O melhor do mundo não são as crianças. Mas todos aqueles (pais, avós e professores, por exemplo) que – pela forma como

as amam, as cuidam e as protegem – as deixam ter, unicamente, talento para serem crianças. Com direito a ser enfadonhas e medricas. E a ser rabugentas, desatentas e trapalhonas. E a lamuriar-se, mesmo que não tenham motivos consideráveis para tanto. E a seringar a paciência dos adultos, sempre que os sintam distraídos. E a ser gluttonas, logo que eles as queiram compenetradas e em sossego. E a ter a vista na ponta dos dedos e a perguntar “porquê?”, a torto e a direito, sobretudo quando as querem atiladas.

O melhor do mundo são todas as pessoas crescidas que não elogiam as crianças de forma almofadada, como se o seu coração não aguentasse senão algodão-doce. E aquelas que lhes dão o direito a fazer birras. Das estridentes, de preferência. E a chorar com alma. Por motivos nenhuns e sem que saibam porquê, se for preciso. E aquelas que as autorizam a acreditar em bruxas, em duendes, no Capitão Gancho ou no Papão. E a considerar que eles vagueiam pelo quarto, sempre que os pais são insossos nas histórias que lhes contam. E aquelas, claro, que as deixam descobrir que uma família se faz com todos os que moram, de surpresa, no meio de nós.

O melhor do mundo não são as crianças. Mas todas as pessoas – sejam pais, avós ou professores – que as ensinam que o melhor de tudo é não estar sempre e obrigatoriamente entre os melhores. Ou ser “o melhor do mundo”. Mas, antes, ser o melhor do mundo para alguém.

## Salvem o bicho-carpinteiro!

O bicho-carpinteiro é um animal generoso e incansável que, sem se dar por ele, encontra dentro das crianças o seu refúgio predilecto. Não se faz acompanhar de febre (como os vírus, por exemplo) nem necessita das campanhas de vacinação tão do desagrado das crianças. Embora encontre a ira digna de um “exterminador implacável” em muitos pais, professores e, até, em pediatras, o bicho-carpinteiro revela uma determinação elogiável e, em cada contrariedade, foge para as mãos das crianças e é responsável por aquele formigueiro que lhes apura a vista... na ponta dos dedos.

Ao contrário de um seu parente próximo – o gambozino – invisível como ele (mas que recolhe sorrisos divertidos e acerca do qual se recomenda, aos mais crédulos, diversas atitudes proteccionistas), o bicho-carpinteiro tem-se transformado na única espécie autóctone que merece a indiferença das organizações ecologistas. Não se transformou na mascote de nenhuma organização humanitária nem mereceu, como espécie ameaçada e em vias de extinção, campanhas planetárias de protecção, parecendo mesmo que o mundo inteiro se uniu... para o tramar.

Mas os bichos-carpinteiros também podem adoecer e ficar desgovernados. São os responsáveis por aqueles comportamentos de trabalho compulsivo de muitos adultos (que desiludem os pobre bichos porque de construtivo e de carpinteiro não têm nada) e, quando acossados, alojam-se nos dedos, embora – infelizmente – não os encaminhem para os “porquês” ou os levem a explorar “os intestinos das coisas”. Antes, simplesmente, os tornam fanáticos do desporto favorito das pessoas crescidas que, a exemplo do *jogging*, também tem um nome sofisticado: *zapping*!

HOJE, NÃO VOU À ESCOLA!

Mal sabem esses adultos – que tentam exterminar os simpáticos bichos-carpinteiros, querendo substituir o ruído vivo das crianças por uma ditadura de sossegadinhos – que, de tão crédulos, são eles próprios, sem saberem, uns gambozinos... em pessoa.

## Terra do Sempre

Reconheço que a ideia de um mundo onde a sensibilidade e o encantamento se casam, de forma comovente, me aconchega. Nunca entendi porque é que a essa convivência se chamou Terra do Nunca. E porque é que parece só existir nas redondezas da infância (embora fosse percebendo, com o tempo, que as pessoas perdem o riso, quando crescem, e talvez só ele limpe as nuvens que as separam da magia. E que, ao não conseguirem ser sérias com todas as vidas que há dentro delas, só possam ser sisudas). Aceito que seja um lugar em que cada transformação se dê, unicamente, quando se... acredita. E que isso seja uma Terra do... Nunca... Sobretudo para as pessoas cujo coração guarda o mundo de si próprias. (Acho, para mim, que sempre que as pessoas choram para dentro nunca se co-movem: suspiram pela Terra do Nunca de que se perderam. E sempre que choram no cinema, nunca precisam de acreditar nos movimentos das coisas extraordinárias que passam por si, porque nunca terão de lá saído.)

Agrada-me que a Terra do Nunca nos chegue com as fadas. E que elas tenham nascido, segundo consta, com o primeiro sorriso do primeiro bebé. E que, de sorriso em sorriso, se multipliquem. Mesmo que alguém, nalgum lugar, não acredite nelas e que, quando isso se dá, uma fada acabe por morrer. Eu acho que as fadas nascem sempre que um bebé dobra o seu riso. Porque ao dobrá-lo espanta os medos e só assim o coração se abre para o mundo e para si. Mas é, decerto, um pormenor – meticuloso – que talvez não interfira com a vida das fadas (que, como se sabe, são todas as pessoas que sabem mais de nós do que nós próprios).

Apesar das fadas, a “Terra do Nunca” lembra-me o inalcançável. Parece ser um lugar sem os solavancos com que se constrói

o crescimento. Sendo o Nunca tão próximo da ideia do nada (e, ao mesmo tempo, sendo tão nostálgica a forma como a Terra do Nunca se opõe à vida e ao crescimento), receio que ele evoque um lugar ameno que, depois da infância, só se reencontre no paraíso com que, supostamente, a morte nos presentearia.

Assusta-me que a maioria das pessoas compreenda as outras vidas que há para além da vida só quando se morre. Sem que seja preciso tomá-las como se fossem fadas, em todos nós há outras vidas. As outras vidas, que as diferenças dos outros levam a descobrir na nossa uma serena pluralidade, com que se aprende a crescer do egoísmo para a com-paixão. As outras vidas das pessoas que guardamos em nós, e cujos gestos nem sempre correspondem a tudo o que gostávamos que nos dessem (e que o burburinho dos dias absorve com gula e que, sem querer, nos sabotam os olhos que pomos nos dias).

Quando a sensibilidade e o encantamento se casam, de forma comovente, chega-se à Terra do... Sempre. A Terra do Sempre constrói-se com as outras vidas que há para além da vida. Com quem faz de fada, claro. Mas muito para lá das redondezas da infância. Faz-se das coisas extraordinárias que nos transformam logo que acreditamos nelas. Põe riso, compaixão e “deixa-te ser” dentro de nós. Chegados ao sempre, o coração “guarda o mundo em si”. E só aí, se começa a aprender.



## A nossa pátria são todas as crianças

Todas as crianças têm direito a ser crianças. E têm direito a crescer livres, mas com regras, num país amigo das crianças.

Todas as crianças têm direito a um país cuja Lei do Trabalho preveja que as consultas de obstetrícia são, também, uma obrigação de todos os homens à espera de um bebé. Onde as crianças não tenham de sair cedo demais de casa. E onde os berçários e os jardins-de-infância sejam, tendencialmente, gratuitos e para todos, sendo reconhecidos como uma condição essencial para que a educação seja melhor, mais plural e mais bonita.

Todas as crianças têm direito a uma escola que as eduque, antes de instruir. Onde não passem tempo demais, todos os dias. Em que as aulas não sejam tão grandes como têm sido e se poupe nos trabalhos de casa. E em que os recreios sejam maiores em tempo e melhores nas condições de segurança e nos recursos que põem ao dispor de todas as crianças.

Todas as crianças têm, também, direito a livros escolares gratuitos, para todo o ensino obrigatório, que sejam, idealmente, propriedade de cada escola, sendo as crianças obrigadas a acarinhá-los, todos os dias, porque só quando o conhecimento passa de uns para outros, e se trata com cuidado, nos torna sábios.

Numa escola amiga das crianças, os professores contam histórias e acarinhos quando ensinam. E haverá, por isso, um quadro de honra para todos os alunos faladores. Porque uma escola que não fala e não escuta vive assustada e fechada sobre si. E, se for assim, educa mal. E não é escola.

Numa escola amiga das crianças todas elas estão obrigadas a ser agressivas. Com maneiras. E a ser leis, umas com as outras. Numa escola amiga das crianças, as que fazem queixinhas, a torto e a direito, os alunos exemplares, os alunos solitários

e mal-educados, os alunos violentos, e aqueles que repetem, mas não pensam, são crianças cujos pais têm necessidades educativas especiais. Devem, portanto, ser ajudados. Mas se, teimosamente, não quiserem perceber os perigos com que magoam os filhos, talvez não mereçam ser pais.

Num país amigo das crianças, todas elas têm direito a tempo livre. Sem a tutela permanente dos seus pais. E sem ateliês onde façam os trabalhos de casa, onde vejam televisão e onde tenham de estar quietas e caladas. Aliás, num país assim, todas as crianças terão direito a conversar. Porque só quando se pensa com os outros, conversando com os botões e em voz alta, ao mesmo tempo, se aprende a crescer.

Num país amigo delas, todas as crianças têm direito a brincar. Todos os dias, sem direito a férias, pontes ou feriados. E a brincar com um dos pais, 30 minutos, de segunda a domingo. Têm, também, o direito a ser filhos únicos dos seus pais, uma vez por semana, por um bocadinho. E a ter os pais ao jantar e depois dele, sem telemóveis e sem televisão, só para a família.

Num país amigo das crianças, todos os pais, que achem os filhos sobredotados devem ficar, de vez em quando, de castigo. Porque (sem quererem, certamente) não percebem que todas as crianças (mas mesmo todas) têm uma ou outra necessidade educativa especial. E que pior do que não a corrigir, é disfarçá-la com tudo aquilo que, supostamente, se faz bem. E também não percebem que as crianças que eles acham normais só parecem mais adormecidas porque as pequenas maldades e os desamparos, a zanga sem fim e a tristeza dos pais, quase todos os dias, lhes traz (ao coração e à cabeça) um ruído de fundo que atrapa-lha o pensamento. Para além disso, todos os pais, que – mesmo dizendo “posso estar enganado...” – acham que os seus filhos têm uma personalidade muito forte, devem ficar de castigo duas vezes, porque baralham a convicção, que vem de dentro, com a teimosia, que faz “braços de ferro”, por tudo e por nada, com quem está fora. Mas, se por infelicidade, os pais insistirem em

ser, simplesmente, bonzinhos e prestadores de serviços (em vez de pais) estão poupados a todos os castigos, porque não há nada que doa mais do que um príncipezinho que se transforma num pequeno ditador e, de imposição em imposição, chega à adolescência como grande tirano.

Num país com futuro, todas as crianças têm direito a uma família. E, por isso, não podem estar confiadas a centros de acolhimento tanto tempo como tantas estão. E têm o direito a uma Justiça amiga das crianças, que obrigue a Segurança Social a ser mais despachada e eficaz, sempre que se trate de as proteger. E se, porventura, houver quem queira transformar um Tribunal num tutor de pais zangados e desavindos, que nunca põe os interesses dos filhos em primeiro lugar, num país amigo das crianças eles serão advertidos e castigados, porque não merecem ser pais. Simplesmente, porque todas as crianças têm direito ao direito e ao afecto – que, de braço dado e como quem tagarela, muitas vezes, tornam o mundo mais clarividente e mais sensato.

Todas as crianças merecem um país amigo das crianças. E, sobre tudo o mais, é-lhes devido o direito a ser crianças. Dos zero aos 18, fazendo as contas pelos mínimos. E têm o direito a ter pais. Daqueles que, sempre que desligam o “piloto automático” com que educam e dão colo, ligam uma espécie de atropelador com que dizem (gritando, já se vê): “A partir de hoje!...” muitas vezes. E têm, ainda, o direito a pais de coração grande e de cabeça quente. Daqueles que fazem, pelo menos, uma asneira, todos os dias sem a qual ninguém se torna amigo das crianças. E, muito menos, mãe ou pai.

E merecem, ainda, o direito a admirar os pais e os avós. Porque só quem admira se torna humilde. E só quem conhece a sua história, e se orgulha dela, conquista o direito a ter futuro.

Todas as crianças têm, finalmente, direito a engonhar, a des-trambelhar, a azucrinar e a chinfrinar. Têm direito a ter uma ou outra macacoa. E a ser, até, estrambólicas e escaganifobéticas. Que são formas complicadas de falar da salvaguarda do

direito de quem se engasga e de quem se engana, de quem exagera e se atrapalha, e de quem erra. Que só é possível quando se tem pais e avós, e muitos tios ligados a elas. Que, todos juntos, façam com que, venha de onde vier, cada criança nunca se perca no caminho para casa.

Todas as crianças têm direito a um país amigo das crianças. Onde todas as pessoas, nem que seja aos bocadinhos, sejam atentas, serenas e sábias, bondosas e firmes para com elas. Um país onde todas as crianças se sintam filhos dos pais e sobrinhos de todos. Um país que não as idolatre nem endeuse, mas que as ame, simplesmente (que é tudo aquilo que quem repete que “o melhor do mundo são as crianças”, raramente, faz). Porque, afinal, a nossa pátria são todas as crianças.